

<b>Título do capítulo</b>	CAPÍTULO 3 RETRATOS MUDIÁTICOS SOBRE REFÚGIO NO BRASIL
<b>Autores(as)</b>	Delia Maria Dutra da Silveira Margalef
<b>DOI</b>	

<b>Título do livro</b>	A MUDIATIZAÇÃO DO REFÚGIO NO BRASIL (2010-2018)
<b>Organizadores(as)</b>	André Rego Viana
<b>Volume</b>	1
<b>Série</b>	A Mudiatização do refúgio no Brasil
<b>Cidade</b>	Rio de Janeiro
<b>Editora</b>	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)
<b>Ano</b>	2020
<b>Edição</b>	1a
<b>ISBN</b>	978-65-5635-004-2
<b>DOI</b>	

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada –

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/portal/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte.

## RETRATOS MIDIÁTICOS SOBRE REFÚGIO NO BRASIL<sup>1</sup>

Delia Maria Dutra da Silveira Margalef<sup>2</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

O aumento da presença de refugiados e migrantes no cenário internacional vem gerando ações e reações que demandam, cada vez mais, uma maior complexificação na leitura que se faz desse fenômeno. Trata-se de um fato social que geralmente acaba numa visão dicotômica, como reducionismo do mundo dos bons e dos maus, em que se justificam as políticas discriminatórias apoiadas numa visão de mundo que precisa ser limpadado, higienizado da presença de alguns (Bauman, 2017).<sup>3</sup> Nesse cenário, a tomada de decisões sobre políticas de refúgio e migrações; os controles de fronteiras; os acordos entre determinados países ou regiões; e as estratégias de (des)integração no âmbito local, regional ou internacional acabam pautando e sendo afetados pelas agendas<sup>4</sup> midiáticas.

McCombs e Shaw (*apud* Traquina, 2001) propuseram que existe o agendamento não só quando as notícias nos dizem sobre o que pensar, mas também quando as notícias nos dizem como pensar nisso. Além disso, sublinham dois elementos como poderosos papéis do agendamento: os objetos selecionados que despertam a atenção e a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos. Nessa linha, tanto as agendas públicas como as midiáticas colaboram com a configuração de um ambiente cada vez menos aberto, ou menos acolhedor, para os deslocamentos de contingentes populacionais não bem-vindos.

---

1. Parte da discussão deste capítulo foi publicada de forma resumida em Margalef e Viana (2019).

2. Pesquisadora do Programa de Pesquisa para o Desenvolvimento Nacional (PNPD) na Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais (Dinte) do Ipea; professora adjunta da Universidad de la República; e pesquisadora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Estudos Comparados sobre as Américas (PPG-ECsA) do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília (UnB).

3. Bauman (2017), ao refletir sobre o que se convencionou chamar de crise migratória recente nos países europeus, denuncia que essas sociedades receptoras parecem ser tomadas por uma espécie de pânico moral, um sentimento de ameaça do bem-estar social.

4. Em 1922, Lippmann publicou um livro onde sugeria a existência de uma relação causal entre agenda midiática e agenda pública. Também Cohen, em 1963, escreveu que a imprensa, mesmo que não possa dizer às pessoas como pensar, tem a capacidade de dizer sobre o que pensar. Isso demonstra que o conceito de agendamento vinha sendo discutido fazia já alguns anos. Porém, foi em 1972, na ocasião da publicação do trabalho de campo desenvolvido por eles durante as eleições presidenciais norte-americanas de 1968, que McCombs e Shaw o definem e dão-lhe o nome de *agenda-setting*. Evidentemente, não se trata de um conceito estático: os próprios autores foram redefinindo-o.

Nos primórdios do século XX, Robert Park,<sup>5</sup> em um dos textos clássicos para a sociologia das migrações, *The human migration and the marginal man*, sustentava que o principal obstáculo para a integração cultural e, portanto, acrescentamos, para a acolhida dos migrantes e refugiados não passa somente pelas diferenças nos hábitos e costumes, mas, notadamente, pelo conjunto de traços físicos diferentes. Atualmente, no Brasil, nem sempre esses traços físicos marcam claras diferenças com populações locais, mas, sim, há diversas marcas que carregam no corpo que os tornam *outros* e nem sempre bem-vindos.

A chegada desses outros, aqueles considerados “os de fora”, nos coloca perante um jogo de inclusões-exclusões em que os meios de comunicação, com suas propostas de agenda, cumprem um papel fundamental na produção de sentidos. Quais as nossas compreensões ou (in)certezas sobre a condição de refugiado(a)? Quais os rostos e quais as cores os representam? Quanto tempo eles ficam no país e como eles podem morar e trabalhar? Mais ainda, *onde* buscamos as respostas para essas perguntas?

Não se propõe aqui dar respostas a essas perguntas, e sim levantar elementos reflexivos sobre o tema da integração dos refugiados e migrantes no Brasil. Isso se dá desde uma perspectiva compreensiva dos meios de comunicação como participantes fundamentais da nossa visão de mundo, isto é, os meios de comunicação como construtores de acontecimentos.

A atualidade enquanto realidade social em devir existe *nos* e *pelos* meios informativos. Significa dizer que os fatos que compõem esta realidade social não existem como tais (como fatos sociais) antes de serem construídos pelos meios. Depois de terem sido produzidos pelos meios, esses fatos têm todo tipo de efeitos (...) (Verón, 1987, p. 57, tradução nossa).<sup>6</sup>

Seguindo a proposta do autor, entende-se que os meios de comunicação não produzem tudo aquilo que chamamos de real. Verón (1987) defende que os meios produzem a realidade de uma sociedade enquanto realidade em devir, presente como experiência coletiva para os atores sociais. Portanto, parafraseando Watzlawick (1994), não é possível pretender a existência de uma realidade, lembrando que o que temos, de fato, são inúmeras versões da realidade; que mesmo sendo opostas entre elas, todas são resultado de um processo de comunicação – complexo – e não podem ser consideradas reflexo de verdades eternas e objetivas.

Tendo definido algumas bases para nossa reflexão, este capítulo tem por objetivo analisar como o discurso midiático nos jornais *Folha de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* durante o período de 2010 a 2018 configura e se apropria

5. Disponível em: <<https://www.infoamerica.org/teoria/park1.htm>>. Acesso em: 29 jun. 2019.

6. “La actualidad como realidad social en devenir existe en y por los medios informativos. Esto quiere decir que los hechos que componen esta realidad social no existen en tanto tales (en tanto hechos sociales) antes de que los medios los construyan. Después que los medios los han producido, en cambio, estos hechos tienen todo tipo de efectos (...)”

da presença de refugiados e migrantes e no Brasil. Trabalha-se com um recorte de conteúdo feito sobre uma base de dados constituída por um total de 517 matérias.<sup>7</sup>

Os documentos foram divididos por ano e incluídos no *site* ATLAS.ti<sup>8</sup> para, logo depois, e seguindo a técnica da análise de conteúdo (Bardin, 1977), proceder à análise por temas. Isso é feito no intuito de poder “descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (Bardin, 1977 *apud* Dutra, 2007, p. 124).

Dessa forma, houve um mapeamento definindo o tema como unidade de registro, e assim foi possível definir categorias analíticas.<sup>9</sup> Essa categorização, por temas agendados, segundo Bardin (1977 *apud* Dutra, 2007, p. 124), permite classificar as principais situações de agendamento seguindo critérios “susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir certa ordem na confusão inicial” e, dessa forma, tornar mais operacionais os dados disponíveis.

Levando em conta os limites analíticos deste capítulo, foram escolhidas duas principais unidades de registro (temas) a ser analisadas, sendo que a cada uma delas foram vinculadas outras subunidades – o Brasil mediatizado e a adjetivação, sendo que cada uma será analisada em seções por separado. Antes de adentrar nessa análise de conteúdo temática, apresenta-se uma discussão conceitual, em diálogo com conteúdos de notícias que compõem o *corpus* que dá sustento à escolha de análise das duas unidades de registro deste capítulo e, conseqüentemente, a uma parte ou recorte da pesquisa maior.

## 2 SOBRE SIGNIFICADOS, DISCURSOS, AÇÕES E APROPRIAÇÕES<sup>10</sup>

“Estou esperando também para ir à escola”, acrescenta o haitiano. Apoiado por religiosos da Missão de Paz que funciona no Glicério, Pierre quer fazer um curso de eletricista para facilitar sua inclusão no Brasil. No Haiti, uma filha de 6 anos espera pelo sucesso da empreitada do pai em São Paulo.

*O Estado de S. Paulo*, 12/1/2012.<sup>11</sup>

Os refugiados, tal como no caso de Pierre, proveniente do Haiti, assim como os migrantes em geral, chegam a um local buscando sobreviver para logo, se possível, se estabelecer, mantendo sempre o sentimento de estar de forma provisória (Sayad, 1998). Nessa ação social de se adentrar numa sociedade onde seja possível ser, os estrangeiros, seguindo o pensamento de Simmel (1983), ou os refugiados e

7. Sendo 217 de *O Estado de S. Paulo*, 175 da *Folha de S. Paulo* e 125 de *O Globo*, todas compreendidas no período entre 2010 e 2018. Para ser incluídas no *corpus* de análise da pesquisa, o critério de inclusão das matérias foi que a informação contida referisse a integração, refugiados e migrantes, sempre no âmbito do território brasileiro.

8. Versão 8, disponível em: <<https://atlasti.com>>.

9. Conferir o total de categorias definidas para a pesquisa no capítulo 1 deste livro.

10. Parte dessas reflexões baseiam-se em Dutra (2013).

11. Disponível em: <[encurtador.com.br/cwMN7](http://encurtador.com.br/cwMN7)>.

migrantes terão sua posição caracterizada pelo fato de não ter pertencido desde o começo e por introduzir outras qualidades, outras formas de vida.

Schutz (2003) nos permite introduzir nessa reflexão a dimensão de aceitação e não aceitação, o que passa a ser muito significativo se levarmos em conta que todo grupo tem modelos culturais sobre valores e orientações de conduta mais ou menos aceitos. Pode-se dizer que existe uma maneira habitual de se pensar e se conduzir no grupo, com o grupo e a partir do grupo, o que Max Scheler chamou de uma “concepção relativamente natural de mundo” (Schutz, 2003, p. 17).

Como a maioria dos ganenses é muçulmana, criou-se, atrás do ginásio, um espaço atapetado para que todos possam orar voltados para Meca. Ao rezar, os migrantes postam-se de lado a uma grande cruz colocada na parede do ginásio de esportes da instituição católica. “O Evangelho é para todos, sem distinção de raça, cor ou cultura”, diz o padre Edmundo Marcon. O convívio é pacífico. Os ganenses dizem que estão bem acolhidos e se sentem respeitados.

*O Estado de S. Paulo*, 20/7/2014.<sup>12</sup>

Mesmo em grandes cidades e/ou nas sociedades consideradas multiculturais – apesar de ser um conceito difícil de se sustentar – existe uma forma dominante de conceber o convívio e que busca, através de diversos meios (instrumentos políticos, veículos de comunicação, coerção), impor-se como modelo a seguir, e a partir do qual se adjetivam outras formas de organização social. Pois bem, mesmo em tais situações, a figura do estrangeiro e do refugiado, particularmente, aparece demarcando os que não são “do lugar” face aos outros. Como se estivéssemos submetidos a modelos de comportamentos coletivos que nos garantem, ou não, o pertencimento ao grupo.

Quando o Estado visitou o restaurante, Zarif abriu a casa sozinho – limpando ele mesmo as mesas e organizando garrafas. Os cozinheiros chegaram um pouco depois – atraso totalmente justificado pela obediência ao Ramadan (durante quatro semanas, os muçulmanos jejuam desde o sol nascer até o pôr do sol). (...) Mohamad Othman, Mohamad Isa, Wissam e Rami são religiosos, mas não se importam com a algazarra e o consumo de álcool no local. “Nós estamos no Brasil. Não tem nenhum problema em respeitar os costumes daqui”, comenta Othman. Os quatro estão no país desde 2013.

*O Estado de S. Paulo*, 18/6/2016.<sup>13</sup>

A presença de outros diferentes nos coloca de imediato perante um espelho que constantemente está projetando a nossa capacidade de aceitar novas formas de alteridade, outras concepções de mundo. Isso não é somente para o habitante local ou um integrante de um grupo que aceite os hábitos e costumes deste; também coloca à prova quem vem de fora, ou aquele que se rebelde perante a norma, na sua capacidade de dialogar com outras formas de entender a existência em sociedade.

12. Disponível em: <encurtador.com.br/hxyKO>.

13. Disponível em: <encurtador.com.br/jFMQ5>.

Erving Goffman<sup>14</sup> nos auxilia na reflexão sobre o encontro entre os “de fora” – refugiados – e os locais. De acordo com o autor, podemos pensar que, quando se encontram na presença imediata, um do outro, “ocorre uma das cenas fundamentais da sociologia porque, em muitos casos, esses momentos serão aqueles em que ambos os lados enfrentarão diretamente as causas e efeitos do estigma” (Goffman, 1988, p. 23).

Também vim para o Brasil depois do terremoto. Morava na cidade de Les Cayes, onde tenho minha mulher e meus três filhos. Queria não ter precisado vir para cá, mas, como as coisas estão muito complicadas por lá, pretendo trazê-los para morar comigo futuramente. O salário daqui, porém, é muito baixo e mal consigo pagar as minhas contas. Já me falaram que para nós haitianos, eles pagam menos ainda. (...) Tratam-nos como se não tivéssemos opção. Em parte, isso é verdade. É para sobreviver que aceitamos o trabalho forte pelo dinheiro fraco. Quando chego em casa, converso um pouco com a minha família por telefone e vou dormir. Não tenho tempo nem disposição. Sou como uma máquina, que só trabalha.

*O Globo*, 1/11/2015.<sup>15</sup>

Difícil foi no Brasil, onde trabalho com refugiados palestinos que moravam na Síria. Quando souberam que eu era judeu, foi um choque. Mas como já gostavam de mim àquela altura, deu certo. Sempre quis me envolver com palestinos, mas me faltava a coragem. No Brasil, vi a possibilidade. Ajudei a montar uma banda com músicos sírios, libaneses, palestinos e brasileiros judeus. A primeira apresentação será em maio, numa sinagoga. Vai ser o meu primeiro experimento cultural.

*Folha de S.Paulo*, 24/4/2016.<sup>16</sup>

Atualmente, no Brasil, convivem diversos cenários migratórios e diversas construções sociais sobre a condição de refugiado(a) e migrante. Isso faz com que, no dia a dia dos meios de comunicação, vão sendo tecidas múltiplas malhas de sentidos que configuram o que se costuma denominar de cultura midiática.

Isso porque o ser humano não é um simples produto do seu entorno (do qual faz parte a oferta midiática) e não detém o poder absoluto de mudar o dado – seja o entorno, seja sua própria natureza. Entre o chamado mundo exterior e suas vivências, interpõe-se uma densa rede de sentidos (Andacht, 1993) que contribui no desenvolvimento de uma identidade sua e dinâmica, pela força do herdado, dentro de um processo de interação com o outro diferente e com as diversas instituições sociais culturalmente legitimadas. Tais instituições – mídia, família, Estado, Igreja, escola etc. – se investem de valores e normas que, como já institucionalizados, legitimam e outorgam sentido social às mediações (Sodré, 2002; Martín-Barbero, 2001).

14. Goffman (1988) está falando dos “normais” e “estigmatizados”.

15. Disponível em: <encurtador.com.br/ABIMO>.

16. Disponível em: <encurtador.com.br/BPZ06>.

Nesse sentido, cada instituição social, que por sua vez pertence a um campo social (Bourdieu, 2004),<sup>17</sup> tem uma agenda permanente que vai mudando conforme os interesses particulares a ela, entendendo que a agenda representa uma oferta de olhares ou pontos de vista. Daí que esses olhares se intensionam e será o campo midiático que fará a mediação-midiática – o que se chama de processo de midiática – necessária para dar uma ordem, a ordem axiológica própria de que fala Rodrigues (1997), aos discursos provenientes de outros campos sociais, como o campo político.

A responsabilidade é nossa. E também do Peru, da Bolívia, Equador, Panamá, de todos os países em que passam os haitianos em seu roteiro de fuga. A diplomacia brasileira precisa ajudar a liderar um esforço internacional pela solidariedade e pela garantia dos direitos humanos desses imigrantes (Marina Silva).

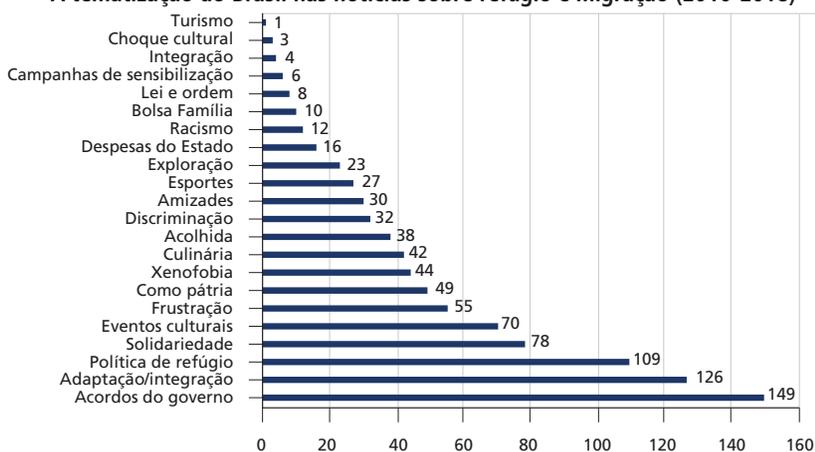
*O Estado de S. Paulo*, 14/4/2013.<sup>18</sup>

### 3 BRASIL, RETRATOS DE AGENDAS

Quais os sentidos produzidos sobre o país quando se produz informação sobre refúgio, integração de refugiados(as) e migrantes em geral? Tomando elementos do próprio discurso dos jornais analisados, foram definidas subunidades de registro (subtemas) analíticas vinculadas a uma principal – nesse caso, o Brasil – e que se detalham no gráfico 1.

GRÁFICO 1

#### A tematização do Brasil nas notícias sobre refúgio e migração (2010-2018)



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.  
Elaboração da autora.

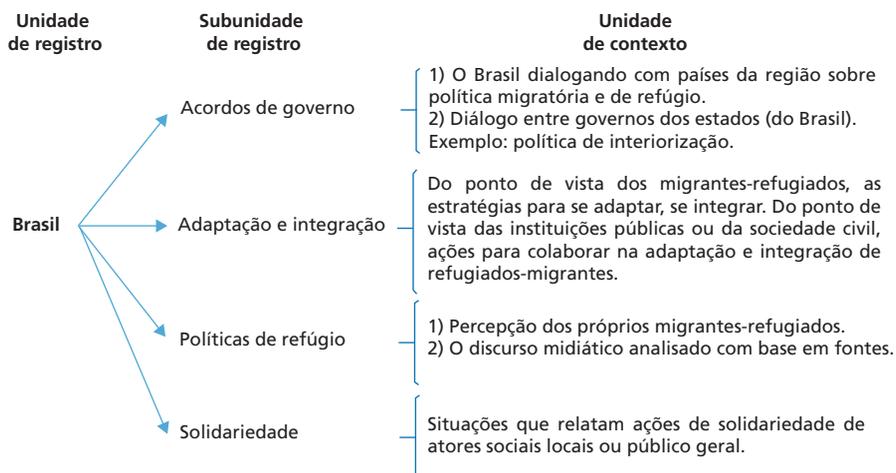
17. Bourdieu (2004) define o campo social como um espaço – microcosmo – detentor de relativa autonomia, dotado de leis sociais próprias que diferem das do macrocosmo, e do qual fazem parte agentes e instituições que aparecem ocupando uma posição dentro da estrutura.

18. Disponível em: <encurtador.com.br/qzHXZ>.

O eixo das abscissas registra a frequência<sup>19</sup> com que essas subunidades temáticas (eixo das ordenadas) são agendadas<sup>20</sup> nos jornais durante o período analisado para informar sobre o Brasil e o tema do refúgio e migração. Analisar essas situações de agendamento no período contribui para uma melhor compreensão sobre a informação que está sendo construída, na linha conceitual proposta por Verón (1987) aqui discutida. A figura 1 explicita o conteúdo das quatro subunidades de registro (ou subtemas) colocadas nos primeiros lugares em termos de frequência dos temas agendados.

FIGURA 1

## A tematização do Brasil nas notícias sobre refúgio e migração (2010-2018)



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.  
Elaboração da autora.

Os acordos de governo foram o subtema com maior frequência, representando 16,0% sobre o total dos agendados na unidade de registro Brasil. Isso inclui tanto informações sobre diálogos do Brasil com países da região respeito a políticas migratórias como diálogos internos no país entre governos dos Estados.

O governo brasileiro negocia um acordo com a Alemanha para receber parte dos refugiados sírios que estão no país europeu ou pretendam viajar para lá – e já abriu um processo para avaliar com a União Europeia (UE) um diálogo para colaborar na questão dos tratados que auxiliam os requerentes de asilo. Em troca, o Brasil pede aos governos da Europa que arquem com os custos dos estrangeiros e sua integração.

*O Estado de S. Paulo*, 31/3/2016.<sup>21</sup>

19. No ATLAS.ti a frequência é denominada como magnitude.

20. Ou seja, se dá um efeito de agenda pela frequência com que determinados temas acabam sendo tratados nas notícias e também pelas formas escolhidas, os enquadramentos, para informar. Isso não determina as formas de ler o mundo através da lente do jornalismo – porém, evidentemente, propõe agendas de leitura sobre o tema do refúgio no Brasil, porque todo discurso jornalístico traz propostas claras de leitura em função de suas fontes, enquadramentos e tempo dedicado aos temas.

21. Disponível em: <encurtador.com.br/dwyA4>.

O governador Geraldo Alckmin (PSDB) e o prefeito Fernando Haddad (PT) defenderam ontem o planejamento como a melhor forma de receber os imigrantes haitianos que chegam à cidade. Alckmin se referiu à vinda de imigrantes organizada pelo governo do Acre como “despejar pessoas”, enquanto Haddad defendeu o estado governado por Tião Viana (PT), ao dizer que “durante anos, o Acre recebeu os refugiados haitianos sozinho”.

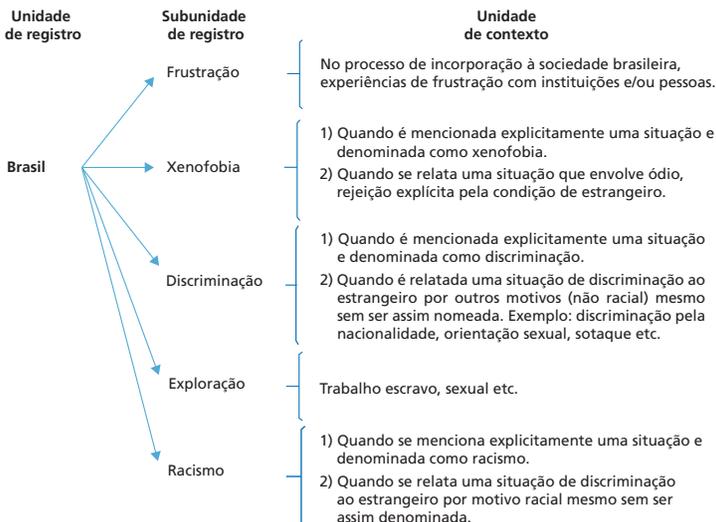
*O Estado de S. Paulo, 29/4/2014.*<sup>22</sup>

Essa subunidade é seguida pela de adaptação e integração dos refugiados (13,5%), políticas de refúgio (11,7%) e solidariedade (8,4%), todos subtemas fortemente ligados às possibilidades e aos entraves para a integração dos refugiados no país. Significa dizer que, considerando o total de 22 subtemas identificados a partir do que o próprio discurso jornalístico desses três jornais propõe para retratar o Brasil na temática de refúgio e migração, essas primeiras quatro subunidades (acordos de governo, adaptação e integração, política de refúgio e solidariedade) concentram 50% da frequência do agendamento para esse tema.

As dezoito subunidades temáticas restantes conformam a outra metade dos temas agendados, sendo que cinco delas referem-se às dificuldades que os refugiados encontram para a integração no país: frustração (5,9%), xenofobia (4,7%), discriminação (3,4%), exploração (2,5%) e racismo (1,3%), totalizando 17,8% das frequências de agendamento. A figura 2 ilustra essa análise.

FIGURA 2

**A tematização do Brasil nas notícias sobre refúgio e migração (2010-2018)**



Fonte: *O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo.*  
Elaboração da autora.

22. Disponível em: <encurtador.com.br/cwEQ7>.

Outras quatro subunidades de registro (gráfico 1), que representam 22,2% sobre o total, referem-se a informações que dizem respeito ao cotidiano dos refugiados, ou seja, que informam e retratam sobre a vida deles no Brasil enquanto seres humanos que buscam se estabelecer e retomar suas cotidianidades. O conteúdo delas refere-se à participação em eventos culturais (7,5%), à culinária (4,5%), a amizades no Brasil (3,2%) e a esportes por eles praticados no país (2,9%). A seguir, citamos algumas passagens de notícias sobre esses temas.

Restaurante Al Janiah abriga refugiados de diversas nacionalidades e se transforma em um centro de debate político e cultural. A questão palestina e a guerra na Síria são temas constantes em suas mesas. O que não se discute ali é a qualidade do falafel e do *shawarma*.

*O Estado de S. Paulo*, 18/6/2016.<sup>23</sup>

Ela é formada em literatura em inglês e trabalhava na Síria como professora. Ele era engenheiro naval. A partir de página no Facebook e do WhatsApp, o casal recebe encomendas de pratos da cozinha árabe.

*Folha de S. Paulo*, 1/4/2016.<sup>24</sup>

Em suas poucas horas vagas, geralmente aos domingos, os haitianos se reúnem no estreito corredor da vila para cantar, acompanhados pelo violão de Robinson. (...) Musso Philippe, de 30 anos, não perde esses encontros: “Em 2013, deixei minha mulher e meus dois filhos na cidade de Gonaíves, para vir morar aqui. O contato com outras pessoas na mesma situação me fortalece”.

*O Globo*, 1/11/2015.<sup>25</sup>

#### 4 ADJETIVAÇÃO, CLASSIFICAÇÕES E HIERARQUIAS

A unidade de registro denominada adjetivação busca captar o que se diz sobre o(a)s refugiado(a)s e os migrantes com bases nos próprios operadores de sentidos utilizados pelo discurso midiático. Isto é, quais termos ou palavras – adjetivos ou substantivos – o jornalismo mobiliza para fazer saber sobre situações agendadas de refúgio e migração? Nesse exercício de produzir conteúdo para informar, retomando a reflexão aqui levantada, o discurso midiático propõe agendas não só abordando determinados temas, mas também propondo enquadramentos ou formas de leituras para saber e se informar. Nesse sentido, buscando aguçar mais a análise temática, foram vinculadas a essa unidade de registro as seguintes subunidades (gráfico 2), sempre respeitando os termos que aparecem nos discursos dos jornais analisados.

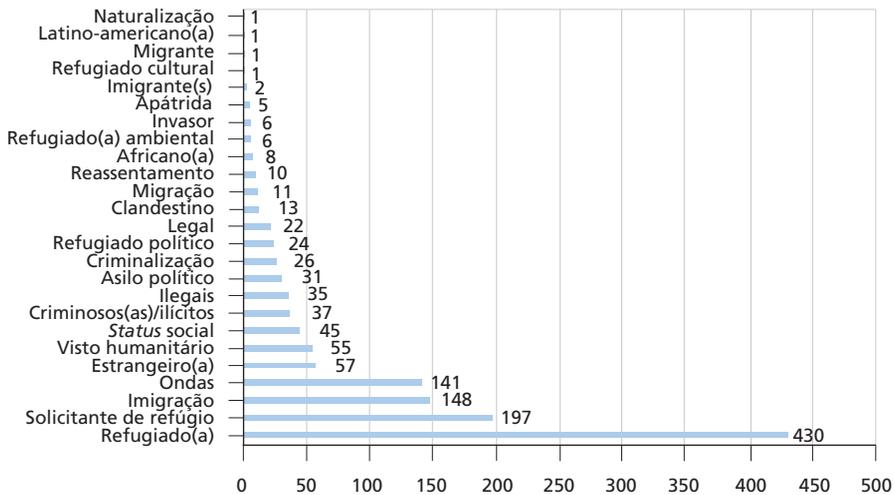
23. Disponível em: <encurtador.com.br/ejxEK>.

24. Disponível em: <encurtador.com.br/iwAGZ>.

25. Disponível em: <encurtador.com.br/euF07>.

GRÁFICO 2

## A adjetivação nas notícias sobre refúgio e migração (2010-2018)



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.  
Elaboração da autora.

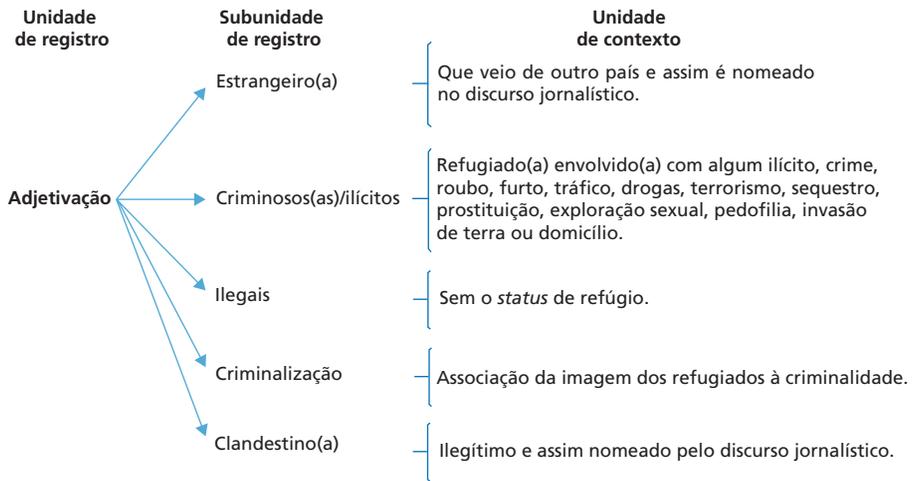
Observar a frequência com que essas subunidades aparecem no discurso jornalístico nos ajuda a avançar em uma compreensão de como o discurso midiático se apropria do tema integração do(a)s refugiado(a)s no Brasil. Observe-se que as quatro primeiras subunidades representam quase 70% dos termos mais utilizados no período analisado: refugiado(a) (32,7%), solicitante de refúgio (15%), imigração (11,3%) e ondas (10,7%). Todos operadores semânticos, notadamente os três primeiros, cuja utilização se naturaliza, isto é, que se torna comum e cotidiano, já que eles próprios são constitutivos do tema principal analisado.

Entretanto, resulta interessante concentrarmos o nosso foco de observação em adjetivos e/ou substantivos cuja utilização envolve outras conotações para além daquilo que discursivamente naturalizamos como sendo parte constitutiva do tema. Ou seja, propomos focar naqueles termos que socialmente carregam e outorgam de sentidos ao tema refúgio e migração, que podem desqualificar ou estigmatizar a existência desse fenômeno. Esses termos são: estrangeiro(a); criminoso(a)s/ilícitos; ilegais; criminalização; e clandestino(a).

A somatória da frequência de citações dessas subunidades é de 12,8% sobre o total das menções. Com um olhar apressado, pode ser considerada uma frequência de menções pouco significativa. Todavia, sua simples presença, justamente pelo jogo discursivo de presença *versus* ausência, conota e propõe formas mais específicas de leitura do fenômeno.

FIGURA 3

## A adjetivação nas notícias sobre refúgio e migração (2010-2018)



Fonte: *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *O Globo*.  
Elaboração da autora.

As duas passagens seguintes extraídas de dois dos jornais analisados ilustram duas formas bem diferentes de construção do acontecimento da chegada no Brasil de refugiados. A primeira refere-se a dados publicados pela Organização das Nações Unidas (ONU), colocando uma forma de construção do discurso mais objetiva com base em fontes secundárias.

O Brasil é um dos países menos solidários com a crise de refugiados no mundo. Dados revelados ontem pela ONU apontam para as baixas taxas de recepção de estrangeiros no Brasil, diante da maior crise de refugiados da história e com um novo recorde de mais de 65 milhões de pessoas afetadas pelo mundo.

*O Estado de S. Paulo*, 20/6/2016.<sup>26</sup>

A segunda passagem, aqui citada e dividida em três trechos comentados, resgata um episódio ocorrido entre um refugiado que vendia seus produtos e habitantes locais da cidade de Rio de Janeiro.

Uma discussão por causa de um ponto de venda de ambulantes, em Copacabana, terminou, na última sexta-feira, com ataques a um refugiado sírio. Mohamed Ali, de 33 anos, que vende esfirras e outros quitutes árabes numa das ruas mais movimentadas do bairro, foi agredido verbalmente por um homem que carregava dois pedaços de madeira nas mãos. Um vídeo da discussão foi publicado nas redes sociais e viralizou. Nas imagens, é possível ouvir o agressor gritar: “Saia do meu país! Eu sou brasileiro

26. Disponível em: <encurtador.com.br/cJRX8>.

e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bombas que mataram, esquartejaram crianças, adolescentes. São miseráveis”. Em seguida, ele diz que “essa terra aqui é nossa. Não vai tomar nosso lugar não”.

*O Globo*, 3/8/2017.<sup>27</sup>

Nas instâncias de interação – entre o que Goffman chama de contatos mistos, na troca de olhares, nos silêncios, nas agressões – se reafirmam pré-noções tanto de um lado quanto do outro. Quem carrega o peso de um estigma (marcas no seu próprio corpo, forma de falar), isto é, aquele que se sente em condição inferior ou de diferença com relação ao outro, experimenta um estar “em exibição” numa cena que lhe causa forte sensação de não saber aquilo que os outros estão “realmente” pensando dele. Ou, até, pode responder antecipadamente por meio de uma capa defensiva fornecedora, quem sabe, de certo conforto ou sensação de “dar conta” da cena (Goffman, 1988, p. 22-26).

Outros homens berraram também com Mohamed e chegaram a jogar as mercadorias do sírio no chão. Quando a vítima perguntou o motivo da agressão (...) os homens repetiram para ele sair do Brasil, país onde Mohamed mora há três anos. “Eu não entendi muito bem por que ele veio brigar comigo. De repente, ele começou a gritar e me pedir para sair. Ele falava muito rápido e não consegui compreender algumas coisas. Outras pessoas traduziram para mim. Sei que ele falou de homens-bomba. Não esperava que isso pudesse acontecer comigo”.

*O Globo*, 3/8/2017.<sup>28</sup>

Buscando ir além de nos posicionar sobre qual dos lados seja justo defender, pois não é esse o objetivo, interessa analisar que nesses momentos de encontros entre pessoas que se sentem “locais” e aqueles que tradicionalmente “não pertencem” ao lugar podemos observar que se dá um intercâmbio de signos – nesse caso, a mercadoria que estava sendo vendida, e provavelmente outros elementos como o sotaque do vendedor – carregados daquilo que Goffman (1988) denomina informação social e que o discurso jornalístico – seja por escrito, seja por meio de imagens – se esforça por retratar, tal como no trecho final da notícia.

“Vim para o Brasil porque a guerra me fez vir para cá. Vim com amor, os amigos sempre diziam que o Brasil aceita muito outras culturas e religiões, e as pessoas são amáveis. Não sou terrorista, se eu fosse, eu não estaria aqui, estaria lá” – disse Mohamed. No vídeo, ainda é possível ouvir algumas pessoas defendendo Mohamed. Uma mulher ainda o orientou a deixar o local diante da confusão. Ele, então, retirou os pertences: “Chegaram carros da polícia, da Guarda Municipal. Me falaram para registrar na polícia, mas não quis. Não quero confusão. Quero apenas trabalhar em paz”.

*O Globo*, 3/8/2017.<sup>29</sup>

27. Disponível em: <encurtador.com.br/qHJX3>.

28. Disponível em: <encurtador.com.br/qHJX3>.

29. Disponível em: <encurtador.com.br/qHJX3>.

## 5 INFERÊNCIAS FINAIS

Propor uma reflexão crítica sobre os processos de midiaticização do refúgio e das migrações no país, por meio da análise de conteúdo de notícias de três dos principais jornais do Brasil, permite levantar ponderações que apontem para estimular uma análise que avance para além das dicotomias de locais *versus* estrangeiros, bem-vindos *versus* rejeitados. Interessa, com isso, indicar o lugar que o campo midiático detém na mediação e proposição de agendas – entendendo-se que essas agendas representam uma oferta de olhares e pontos de vistas, resultando em diversas e dinâmicas possibilidades formas de se entender o fenômeno do refúgio no Brasil.

Atendendo ao objetivo definido para este capítulo, a análise foi feita com base em um recorte analítico que focou em duas das unidades de registro delimitadas no marco da pesquisa maior: o Brasil mediaticizado e a adjetivação.

Na análise da unidade de registro denominada nesta pesquisa como Brasil e suas formas de midiaticização, apontamos para o forte impacto de conteúdos (50%) que buscam explorar as notícias desde a perspectiva do jornalismo que informa sobre “fatos” e/ou aspectos sobre os quais existe o acordo social implícito quando se pretende fazer saber sobre refúgio: acordos de governos; adaptação e integração; políticas de refúgio; e solidariedade. Ainda nessa unidade temática, registrou-se conteúdo com um viés desde uma perspectiva dos entraves para os refugiados se integrarem à sociedade brasileira, representando estas 18% das menções no período: frustração, xenofobia, discriminação, exploração e racismo.

Entretanto – e pode-se pensar até que na contramão desses enquadramentos das notícias desde uma perspectiva da dificuldades e entraves –, 22,2% do conteúdo refere-se a informações que dizem respeito ao cotidiano dos refugiados, ou seja, que informam e retratam a vida deles no Brasil enquanto seres humanos que buscam viver seu cotidiano: eventos culturais, culinária, amizades no Brasil e esportes.

Em um segundo movimento analítico, a unidade de registro denominada adjetivação busca captar o que se diz sobre o(a)s refugiado(a)s e migrantes com base nos próprios operadores de sentidos utilizados pelo discurso midiático. Nesse bojo, interessou também focar naqueles termos cuja utilização envolve outras conotações para além daquilo que discursivamente naturalizamos – refugiado(a), solicitante de refúgio, imigração, ondas – como sendo parte constitutiva do tema. Essas outras conotações referem-se às seguintes subunidades: estrangeiro(a); criminoso(a)s, ilícitos; ilegais; criminalização; e clandestino(a) – e totalizaram 12,8% sobre o total de menções.

Trata-se de conteúdos jornalísticos diversos e dinâmicos, mas não necessariamente apresentando uma abordagem inesperada para os leitores sobre o fenômeno do

refúgio. Identifica-se a presença de matrizes jornalísticas próprias à simbólica formal desse campo social, o campo dos meios de comunicação, espaço no qual se faz a mediação dos discursos provenientes de outros campos (como o econômico, político, religioso) para informar e propor agendas sobre o tema do refúgio.

Para fins de conclusão, retoma-se a Watzlawick (1994), lembrando que o que temos são inúmeras versões da realidade, ou seja, inúmeras formas de leitura sobre o refúgio no Brasil. Essas versões mudam no tempo e no âmbito de um mesmo veículo de comunicação; e mesmo sendo opostas, convergentes, ou ambivalentes entre elas, *todas* são resultado de um complexo processo de mediação que precisa ser analisado no âmbito do contexto histórico-social em que se está inserido, de uma luta de campos sociais em que o campo midiático possui o lugar de mediação do discurso.

Finalmente, nessa linha, todas as versões da realidade propõem sempre formas de ler o mundo, porque não são neutras, sempre produzem sentidos – neste caso, sentidos para se entender o refúgio no Brasil.

## REFERÊNCIAS

- ANDACHT, F. **Entre signos de asombro**: antimanual para iniciarse a la semiótica. Montevideo: Trilce, 1993.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2017.
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: UNESP, 2004.
- DUTRA, D. A mediação da informação econômica na CNN *en español*. **Revista Fronteiras**: estudos midiáticos, v. 9, n. 2, p. 121-129, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Migração internacional e trabalho doméstico**: mulheres peruanas em Brasília. São Paulo: OJM; Brasília: CSEM, 2013.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- MARGALEF, D. M. D. S.; VIANA, A. R. A mediação das migrações internacionais e do refúgio no Brasil entre 2007 e 2018. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 43., 2019, Caxambu, Minas Gerais. **Anais...** Caxambu: ANPOCS, 2019.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- RODRIGUES, A. D. **Estratégias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1997.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHUTZ, Alfred. **L'étranger**. Paris: Allia, 2003.

SIMMEL, G. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, E. de (Org.). **Georg Simmel: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 182-188.

SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

TRAQUINA, N. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

VERÓN, E. **Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente de la central nuclear de Three Mile Island**. Buenos Aires: Gedisa, 1987.

WATZLAWICK, P. **¿Es real la realidad? Confusión, desinformación, comunicación**. Barcelona: Herder, 1994.

#### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: por que as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004. v. 1.

